

EM BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE EM UM RELATO DE UM CERTO ORIENTE, DE MILTON HATOUM

“A identidade é um movimento na história”
Eni P. Orlandi (2001)

Francielly Karla Dauzaker Fruto⁹/UEMS

Eliane Maria de Oliveira¹⁰/UEMS

RESUMO: O presente artigo visa à análise da noção do hibridismo e transculturação na obra *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum. O romancista descreve a história da diáspora de uma família libanesa, que saiu de seu país para viver em Manaus, no Brasil, carregando consigo sua língua, sua cultura e seus costumes. A partir dos ensaios “Hibridismo e tradução cultural em Bhabha” (2004), de Lynn Mário Menezes de Sousa, “Híbrido, Hibridismo e Hibridização” (2005), de Stelamaris Coser, e “Transculturação e transculturação narrativa” (2010), de Livia Maria Reis, procuraremos compreender a busca da narradora por sua identidade: construída por meio do entrecruzamento das culturas de dois países, além do processo de transculturação sofrido pela família libanesa em território brasileiro. O primeiro texto utilizado como aporte teórico trata das ideias defendidas por Homi K. Bhabha, como, por exemplo, o hibridismo presente na própria cultura, conceito este que está sempre em construção. O segundo texto, trata do conceito de híbrido de acordo com diversos pensadores, entre os quais utilizaremos as ideias de Bhabha de forma a aprofundar a análise do nosso objeto, o livro *Relatos de um certo Oriente* (1989). O terceiro e último texto de aporte teórico trata sobre a transculturação, que é o processo de transição de uma cultura à outra, destacando o “movimento” infindo que ocorre nesse processo.

Palavras-chave: Hibridismo; Transculturação; Milton Hatoum.

ABSTRACT: This article aims at analyzing the notion of hybridism and transculturation in *Relato de um certo Oriente* (1989), by Milton Hatoum. The novelist describes the history of the diaspora of a Lebanese family, who left their country to live in Manaus, Brazil, carrying with them their language, culture and customs. From the essays “*Hibridismo e tradução cultural em Bhabha*” (2004), by Lynn Mário Menezes de Sousa, “*Híbrido, Hibridismo e Hibridização*” (2005), by Stelamaris Coser, and “*Transculturação e transculturação narrativa*” (2010), by Livia Maria Reis, we will try to understand the narrator's search for her identity: built through the intertwining of the cultures of two countries, besides the process of transculturation suffered by the Lebanese family in brazilian territory. The first text used as a theoretical contribution deals with the ideas defended by Homi K. Bhabha, such as, for example, the hybridism present in the culture itself, a concept that is always under construction. The second text deals with the concept of hybrid according to several thinkers, among whom we will use the ideas of Bhabha in order to deepen the analysis of our object, the book *Relatos de certo Oriente* (1989). The third and final theoretical text deals with transculturation, which is the process of transition from one culture to another, highlighting the inflected "movement" that occurs in this process.

Keywords: Hybridism; Transculturation; Milton Hatoum.

Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas.

⁹ Discente do curso de Bacharelado em Letras da UEMS – Campo Grande.

¹⁰ Docente do curso de Bacharelado em Letras da UEMS – Campo Grande.



Edição 25 – Fevereiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/01/2020

Restava então recorrer à minha própria voz, que planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes.

Milton Hatoum¹¹

Quando Abri Os Olhos: Uma Introdução

O presente artigo propõe uma análise da noção do hibridismo e transculturação, a partir dos ensaios “Hibridismo e tradução cultural em Bhabha” (2004), de Lynn Mário Menezes de Sousa, “Híbrido, Hibridismo e Hibridização” (2005), de Stelamaris Coser, e “Transculturação e transculturação narrativa” (2010), de Livia Maria Reis, procuraremos compreender a busca da narradora da obra *Relato de um certo Oriente* (1989) por sua identidade, construída entre as culturas de dois países (Líbano e Brasil). Esta obra literária é o primeiro romance de Milton Hatoum e ganhadora do Prêmio Jabuti na categoria romance em 1990. Hatoum publicou também as obras *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005) e *Orfãos do Eldorado* (2008).

O romancista relata a história da diáspora de uma família libanesa, que saiu de seu país para viver em Manaus, no Brasil, carregando consigo sua língua, sua cultura e seus costumes. A obra entrecruza o exotismo da natureza amazônica e a cultura do orientalismo. Percebe-se uma expectativa de liberdade, por parte da narradora, em poder escolher um caminho entre as culturas que se apresentaram em sua vida; o cruzamento dessas culturas leva ao hibridismo cultural dessa família libanesa, e ao subsequente processo de transculturação.

O objetivo central do presente artigo é formular um estudo entre esses dois “mundos” (Líbano e Manaus), os quais o autor Milton Hatoum descreve ao longo de sua obra. Tal descrição é feita visando à análise, identificação e comparação das culturas arraigadas no cotidiano da narradora, que tenta se “situar”, visto que está “perdida” no meio desses dois universos.

É possível se desconectar e viver um único universo de maneira singular, levando em consideração a liberdade de escolha e o desejo pessoal, excluindo a obrigação patriarcal?

A narradora-personagem foi, durante sua vida, instável em relação a sua personalidade de identificação. Isso está atrelado a inúmeros fatores, como história da família e conflitos

¹¹ HATOUM, Milton; *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

existentes na mesma, religião, identidade, língua, cultura, além do relacionamento endogâmico, cujo objetivo é preservar a linhagem libanesa, origem da família adotiva da narradora.

Diante de todos os contrastes de desenraizamento, existem dois universos culturais bastantes distintos, em que sua identidade se encontra em constante processo de descobrimento e construção, pois há uma busca incessante para firmar sua individualidade. Essa procura é baseada em relatos e episódios da vida puxados de sua memória.

Por meio dessas “explorações”, a narradora atravessa um desenvolvimento moroso, a fim de definir sua identidade e apossar um “mundo” para viver uma “nova” personalidade que, no entanto, já estava definida culturalmente em seu interior.

Através do processo de transculturação da família libanesa em território brasileiro, e do contato desses com outros sujeitos imigrantes, que também residem nesse local, entendemos que transculturação é quando determinado grupo social recebe e adapta as formas culturais de outros grupos (apud ORTIZ, 1983, p.90).

Reis (2010), em seu artigo, nos traz o conceito de transculturação desenvolvido pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz em 1940. Para Ortiz (apud REIS, 2010), a transculturação se trata de um processo que está sempre em movimento, por meio do encontro de povos e suas culturas. Em sua obra, Ortiz aborda a questão da cultura negra que foi transplantada, florescendo em Cuba e gerando fenômenos culturais diferentes em relação à cultura original, ou seja, o branco vem transculturado por vontade própria, mas o negro e o índio são retirados de seu local e colocados em outro; dessa transposição, irão desenvolver-se e adaptar-se as formas e os costumes recém-encontrados.

O ponto principal e a razão pela qual Ortiz advoga a criação de um novo vocábulo é, segundo sua própria argumentação, a inexistência de um termo que possa abarcar e significar este processo sempre em movimento, que é o encontro dos povos e de suas culturas. (REIS, 2005, p.467).

Na obra “O local da cultura” (1998), o autor indiano Homi Bhabha aborda o que é cultura, focando seu interesse na articulação da distinção das identidades e diferenças culturais (entre lugares). Para Bhabha, o híbrido é o entre, ou seja, não é um objeto fixo a ser discutido, mas um movimento ambíguo que ocorre nas fronteiras e provoca a troca entre o eu e o outro.

Isto é, a partir do contato entre eles, pode-se dizer que há uma via de mão dupla, onde acontece a negociação.

Um Estudo Sobre Identidade

Em uma interpretação linguística, a palavra identidade etimologicamente vem do latim *identitas*, “a mesma coisa”, e de *idem*, “o mesmo”. Esse significado reflete nas acepções dadas pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa ao termo identidade, como:

1. estado do que não muda, do que fica sempre igual; [...]
3. o que faz que uma coisa seja a mesma (ou da mesma natureza) que outra;
4. conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la.

No Dicionário de Filosofia, Nicola Abbagnano (2007, p. 528) confere, na perspectiva filosófica, as seguintes possibilidades de significação para a palavra identidade: “Este conceito tem três definições fundamentais: 1ª I.¹² como unidade de substância; 2ª I. como possibilidade de substituição; 3ª I. como convenção”.

Entre as três acepções apresentadas, a terceira é a que mais nos interessa. No mesmo Dicionário de Filosofia, o autor explica essa alternativa como:

A terceira concepção diz que [a identidade] pode ser estabelecida ou reconhecida com base em qualquer critério convencional. De acordo com essa concepção, não é possível estabelecer em definitivo o significado da I. ou o critério para reconhecê-la, mas, dentro de determinado sistema lingüístico, é possível determinar esse critério de forma convencional, mas oportuna [...]. Esta é a concepção menos dogmática e mais ajustada às exigências do pensamento lógico-filosófico. (ABBAGNANO, 2007, p.529)

Em vista disso, é possível compreender que nesse sentido atribuído, a identidade é como uma “característica” que pode ser encontrada de acordo com parâmetros determinados.

¹² Deve-se entender, todas as vezes citadas, I. como “Identidade”.

Isto é, em uma categoria pré-definida, com critérios já convencionados, pode-se localizar essas “características” e estabelecer a identidade. Fora dessa categoria, no entanto, não é praticável o reconhecimento da identidade. Posto isso, aparece implícita a existência do outro, ou seja, a existência da alteridade. Logo, uma condição para a identidade existir é haver parâmetros para comparação, a fim de que seja perceptível a igualdade com os outros e também a diferença em relação aos outros.

Assim, são infindas as ordens para a identidade. Ou seja, visto que as características a serem reconhecidas e aplicáveis – seja em um indivíduo, grupo, objeto ou qualquer outra realidade que seja apta de receber caracterização de identidade – são incontáveis, as ordens de identidade também numerosas. Entretanto, para melhor adequação no presente trabalho e a partir das definições apresentadas, buscaremos, neste item, destacar o conceito de identidade cultural e sua construção.

A identidade cultural

Para que seja possível compreender o conceito de identidade cultural, devemos, antes, versar acerca da concepção do termo cultura. De modo amplo, a cultura é tudo o que define e qualifica as atitudes, as práticas e as atividades de uma sociedade em particular. Assim, a cultura unifica expressões diversas de sociedades diferentes, sejam essas manifestações na esfera social, artística, linguística, entre outras possibilidades. Além disso, podemos destacar os hábitos e comportamentos de um povo, que passam a ser incorporados por outra sociedade. O conceito de cultura passou a receber mais valor e ter mais relevância devido à globalização.

No contexto pós-moderno, teve início a contestação das tradições, de todas as perspectivas culturais que eram consideradas sólidas na sociedade. E essa contestação ocorreu porque, acompanhando a modernidade, houve o avanço da globalização: fator que se associa diretamente à identidade, seja como contribuição para sua fragmentação, seja como contribuição para sua busca. Isso ocorre a partir da influência da globalização nas identidades nacionais.

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que

elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (HALL, 2005, p.74)

Como se sabe, a globalização é um processo que rompe as fronteiras de determinado país, agregando e unindo diferentes sociedades. Assim, sendo a identidade “definida” a partir de alguma característica ou aspecto que é exterior a si, ou seja, a partir do outro – e da diferença –, surge a questão de como um indivíduo pode manter sua identidade mesmo diante do cruzamento de culturas oferecido pela globalização.

A partir dessa situação entendemos que com a contestação, inicia-se uma fragmentação na ideia anteriormente constituída, o que acaba transformando a identidade pessoal de cada um. Ou seja, passa-se a ter uma busca por si mesmo, a fim de encontrar um sentido em si e na própria existência. Esse fato, conforme apresentado por Stuart Hall, no livro *A identidade cultural na pós – modernidade* (2005), podemos chamar de deslocamento (ou descentração) do sujeito. E, fundamentado nesse deslocamento, é que tem início a discussão acerca do conceito de identidade cultural.

Desse modo, podemos entender que o evento que conhecemos por globalização participa no movimento de deslocamento das identidades culturais. E por identidade cultural entendemos um conceito complexo e que está sempre em construção. Isso porque o termo abordado se refere a um agrupamento de relações sociais e propriedades representativas, isto é, “posses” de determinadas culturas que têm impacto historicamente, que passaram a ser compartilhados com o desenvolvimento da globalização. Logo, se a identidade cultural é diretamente influenciada pela globalização, é possível entender que ocorre troca cultural, levando a cultura a se tornar híbrida.

Esse processo de troca cultural faz com que a cultura do outro chegue até nós e nos permita aceitar (e enxergar) a existência do diferente e compreender o principal efeito da globalização: o hibridismo cultural, em outras palavras, uma “poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de culturas, mais apropriada à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado” (HALL, 2005, p.91). Por fim, os processos de hibridismo cultural são considerados inevitáveis levando em consideração os níveis atingidos pela globalização. As particularidades de uma cultura, todavia, não se dissipam devido à troca cultural, podendo combinar e coincidir.

Hibridismo E Tradução Cultural Em Bhabha, Na “Manaus”

Vale observar a definição de Homi Bhabha:

A hibridização não é algo que apenas existe por aí, não é algo a ser encontrado num objeto ou em alguma identidade mítica “híbrida” – trata-se de um modo de conhecimento, um processo para entender ou perceber o movimento de trânsito ou de transição ambíguo e tenso que necessariamente acompanha qualquer tipo de transformação social sem a promessa de clausura celebratória, sem a transcendência das condições complexas e conflitantes que acompanham o ato de tradução cultural. (BHABHA apud. SOUSA, 2004, p. 113).

Ou seja, a tradução é uma forma de imitar, porém deslocadora; imitar um original sem que a prioridade do original seja reforçada. Pois o original nunca é completo e acabado em si. Ou ainda, traduzir é “ser fiel a dois senhores”. E é nesse deslocamento que surge algo novo. Essa tradução que Bhabha (2000) propõe, revela o hibridismo do próprio conceito de cultura (já que a cultura é uma construção e a tradição é uma invenção). Então, conclui-se que a cultura é aberta, dinâmica, construída pela diferença e, portanto, heterogênea.

Em Relato de certo Oriente a história se passa em Manaus, onde ocorre o hibridismo cultural, estando presente a diversidade de costumes, línguas e a convivência de diferentes nacionalidades. A maior parte da narrativa se passa na “Parisiense”, loja de tecidos da família, que além de ser uma forma de ganhar dinheiro, era um local que recebia visita de várias pessoas com suas culturas arraigadas. No geral, a cidade de Manaus retratada, era habitada por inúmeros imigrantes (alemães, franceses, portugueses), além de índios e caboclos.

Na história, a narradora deixa ilustre, em diversos trechos, o objetivo de rememorar seu passado e reconstituir sua memória; “planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes” (HATOUM, 2006, p.148). Após esse período de reconstituição, poderia escrever uma carta ao irmão que vive em Barcelona, relatando tudo o que havia acontecido enquanto esteve ausente. Dessa forma, observamos a narradora desabafando ao irmão em um trecho da carta:

Para te revelar (numa carta que seria a compilação abreviada de uma vida) que Emilie se foi para sempre, comecei a imaginar com os olhos da memória as passagens da infância, as cantigas, os convívios, a fala dos outros, a nossa gargalhada ao escutar o idioma híbrido que Emilie inventava a todos os dias. (HATOUM. 2008, 148).

No ensaio de Homi K. Bhabha, seu enfoque é o hibridismo, abordado sempre a partir da perspectiva da linguagem e da identidade, ou seja, o hibridismo é o elemento que vai constituir a linguagem. Segundo Bhabha (apud Sousa, 2000), a representação, a identidade e a tradução cultural são elementos que caminham unidos, pois não trata apenas de uma língua, mas de todas. A obra *Relato de um certo Oriente*, articula dois universos diferentes: o exotismo da natureza amazônica o orientalismo libanês, ambos compondo diversas imagens e episódios; dessa forma, criando “um certo oriente” da narradora, o oriente criado pela mesma.

Há episódios em que a obra ocorre sempre marcada de traços orientais, típicos da família libanesa. Encontramos na narrativa a cultura árabe, por exemplo, quando a família costumava ler o destino no fundo da xícara de café, ou quando costumava tomar chá todas as tardes no mesmo lugar e horário. Temos o híbrido tio Hakim, filho de Emilie, que nasceu no Brasil, mas aprendia como língua materna o árabe “língua que, embora familiar, soava como a mais estrangeira das línguas estrangeiras.” (HATOUM, 2008, p.70). A partir desse trecho, entende-se que o aprendizado da língua árabe se deu por influência familiar. Fora da “Parisiense”, a loja da família, Hakim ouvia e convivia com um idioma diferente e “às vezes tinha a impressão de viver vidas distintas.” (HATOUM, 2008, p.71). Assim, embora o personagem tenha nascido no Brasil, aprender a língua árabe foi uma maneira encontrada para reforçar sua ligação e relação com o mundo oriental e com a cultura libanesa. No entanto, conviver, nas ruas, com um idioma e uma cultura diferente daquela que está habituado em sua casa, não retira suas características libanesas. Em outras palavras, há a “interação” entre as culturas, em que ambas se fundem e se transformam em algo próprio e particular do personagem Hakim. E é por isso, também, que ele decide aprender corretamente o idioma árabe, a fim de unir o “Certo Oriente”, a cidade de Manaus, onde vivem os personagens do livro, e o Oriente, “região” leste do mundo, onde está localizado o Líbano. Por conseguinte, compreendemos que ambas as culturas estão intrínsecas ao personagem, que não passa pelo processo aculturação, mas sim combina as culturas e passa a ser um indivíduo culturalmente híbrido.

Bhabha considera o termo “aculturação” falso, pois designa a perda total de uma cultura já existente para assimilação de novos valores. Tal noção é normalmente postulada – num contexto colonial e pós-colonial – pelo sujeito dominante e colonizador, por haver a necessidade de reafirmar que apenas o dominante deixa marcas no dominado. Contudo, discorda dessa ideia, pois, para ele, o que existe é uma troca, uma modificação a partir do contato com o outro – toda e qualquer relação afeta todos os lados envolvidos.

“A Viagem Foi Longa ...”: Híbrido, Hibridismo E Hibridização

No texto intitulado “*Híbrido, hibridismo e hibridização*”, de Stelamaris Coser o termo híbrido é utilizado para nomear algo ou alguém cuja formação é mista, provida de fontes heterogêneas. No princípio, como termo biológico hibridismo era tido como algo negativo, danoso, a mesma significação passou a ser adotada para espécie humana “uma monstruosidade da natureza”, entretanto no futuro as espécies híbridas mostrariam mais vigor até que elas se tornarem homogêneas novamente, o que levaria a perda da sua força, mas embora essa nova visão tivesse sido revelada em pesquisas no século XIX predominou uma visão perigosa do cruzamento entre raças, conseqüentemente a América branca foi obrigada a lidar com a aproximação das raças.

Ao traçar paralelos com espécies híbridas de animais estéreis e plantas debilitadas, a ciência europeia divulgou o princípio de que a miscigenação seria danosa para a espécie humana. Cientistas enfatizaram que o cruzamento de raças diferentes, resultaria não tanto em infertilidade mas, principalmente, na decomposição ou degradação dos descendentes híbridos, considerados por Robert Knox (apud Palmer, 2001) “uma monstruosidade da natureza”. Entretanto, a ciência acabaria constatando que as espécies híbridas da botânica mostravam mais vigor e resistência do que as espécies puras que lhes deram origem. (COSER, 2005, p. 165)

No século XX houve a grande comparação entre a realidade estadunidense e a brasileira devido à propalada democracia racial brasileira – um momento onde se idealizava a realidade brasileira devido à flexibilidade da posição do mulato na hierarquia social e racial do país, mais tarde tal ponto deixa de ser idealizado, pois mesmo em uma sociedade que em tese não devia apresentar contrastes devido à mestiçagem, o uso de termos como este, serviria apenas para reforçar a desigualdade e a discriminação.

A partir do modo que o termo “hibridismo” é hoje trabalhado por Bhabha, a compreensão se dá no sentido que o sujeito pós-colonial mantenha seu ponto de vista contra outro, ou seja, hibridismo não é um objeto fixo a ser discutido, mas o movimento ambíguo [de vai e vem] que acontece nas fronteiras e provocam troca entre o eu e o outro. Nessa relação existe a tensão que ele afirma “acompanhar todo tipo de transformação social sem a promessa de clausura celebratória” (BHABHA, ANO, P. XX). A tensão se dá a partir da ânsia de ser o outro ocupando a mesma posição em que está no momento, a não inversão de valores, mas o desejo. A tensão que se dá não em um nem no outro, mas no entre indivíduos, o entre-lugar, ou terceiro espaço, que é, para Bhabha (apud Coser, 1998, p.69), “[...] capaz de abrir o caminho à conceitualização de uma cultura internacional, baseada não no exotismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição do hibridismo da cultura. [...]”. Isto é, o entre-lugar é o local onde ocorrem os deslocamentos culturais, melhor dizendo, onde o hibridismo se desenrola.

Tais conceitos mostram-se presente no seguinte trecho destacado do livro *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum.

Morei alguns anos no povoado, conheci os rios mais adustos e logo aprendi que o comércio, além das quatro operações elementares, exige malícia, destemor e o descaso (senão o desrespeito) a certos preceitos do Alcorão. Ter vindo a Manaus foi meu último impulso aventureiro; decidi fixar-me nessa cidade porque, ao ver de longe a cúpula do teatro, recordei-me de uma mesquita que jamais tinha visto, mas que constava nas histórias dos livros da infância e na descrição de um Hadji da minha terra. (HATOUM, 2008, p.41)

Podemos notar no trecho que mesmo o personagem tendo se fixado em Manaus, esse local não era seu “lar”, trazia recordações e lembranças do Líbano, bom como dos lugares que via e frequentava em sua terra natal. Ou seja, o personagem vive, no momento do relato, em um entre-lugar, em que sua identidade se reconstrói por meio de trocas e contato culturais.

O terceiro espaço, para Bhabha, é um local onde se vê sociedade e cultura muito além de uma divisão baseada em “boa” e “ruim”, sendo, nesse “entre-lugar”, o local em que as relações se constituem e as identidades se constroem. Dessa forma, a partir das relações constituídas é que se passa a enxergar o hibridismo como um meio de negociação e troca cultural. Assim, é nesse terceiro espaço que os grupos minoritários conseguem mostrar sua visão e demonstrar seus valores.

Transculturação: Um Processo De Cultura E Identidade

O estudo analisa o processo de transculturação e o entrecruzamento cultural. Na obra, é traçado o percurso de uma família de imigrantes libaneses em Manaus, retratando as relações sociais entre os nativos da região e os imigrantes, por meio da “Parisiense”, a loja da família. Observamos a conexão de diferentes registros culturais composto em toda obra, como se percebe no seguinte trecho: “desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com um outro na Parisiense.” (HATOUM, 2008, p. 28). Ou seja, encontrava idiomas e culturas diferentes a todo o momento e em todo local.

Observamos conseguinte a visão de Ortiz no processo de transculturação, segundo Rama:

Ortiz chama de neoculturação, fruto das duas culturas postas em atrito. Aqui ocorrem as perdas, seleções, assimilações e redescobertas, operadas simultaneamente, resolvidas em um amplo remanejamento cultural. Dentro do processo de transculturação, esta é a fase de maior função criativa. “Utensílios, normas, objetos, crenças e costumes, somente existem em articulação viva e dinâmica, que é a que desenha a estrutura funcional de uma cultura”. (REIS, apud RAMA, 1982, p.39)

Rama tem o processo de transculturação como algo que implica exclusivamente em mudanças das culturas dominadas e divide o conceito de transculturação em três momentos: aculturação, desculturação parcial e neoculturação.

Três momentos distintos que não acontecem separadamente. O teórico relê a definição de transculturação de Ortiz processo de inventividade na cultura que recebe a partir do atrito com a outra, recriando o outro e não só produzindo; transculturação literária: âmbito do léxico, da estruturação literária; cosmovisão: leva em consideração o que é específico e o que é imposto.

No trecho a seguir, o personagem Dorner está refletindo sobre Manaus: “O comportamento ético de seus habitantes e tudo que diz respeito à identidade e ao convívio entre brancos, caboclos e índios eram seus temas prediletos.” (HATOUM, 2008, p.44). Será que, ao sair da cidade, poderia conviver em outro tempo? Ressaltando que, naquele momento, só o

olhar de reflexão lhe interessava, e, daquele período em diante, passaria a vida anotando as impressões da vida amazônica. No caso, o vínculo entre os imigrantes e suas culturas.

O romance é composto por várias vozes e episódios dispersos, que, ao final, constituem um único relato. Esses depoimentos serão enviados ao irmão de Barcelona, como forma de atualizá-lo de tudo o que ocorre com a família: “Quando conseguia organizar os episódios em desordem ou encadear ou encadear vozes, então surgia uma lacuna onde habitavam o esquecimento e a hesitação: um espaço morto que minava a sequência de ideias.” (HATOUM, 2008, p. 87). Dentro dessa perspectiva da narradora de lembrar seu passado, o material também recebe extrema importância: observa-se que móveis, cenários e objetos, ao decorrer da narrativa, ganham destaque, caracterizando o espaço exótico de Líbano na Manaus retratada.

Desse modo, em *Relato de um certo Oriente*, presenciamos uma narradora que desde sua infância foi posta em contato com línguas e culturas diferentes, caracterizando o ponto em que se entrecruzam Manaus e Líbano. E, nessa trajetória, há uma tentativa de preencher o vazio de esquecimento, assim, a narradora-personagem passa a criar um novo Oriente, o seu Oriente. “Também me deparei com outro problema: Como transcrever a fala engrolada de uns e sotaques de outros? Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas.” (HATOUM, 2008, p. 87). Aqui, percebe-se a narradora como alguém que conta a dor da família, mas alguém que sente essa angústia, ou seja, ela é porta-voz de todo o padecimento pelo qual passou a família libanesa, e também transmite a busca pela identidade pela qual passam os personagens.

A Viagem Terminou Num Lugar: Considerações Finais

A partir das explicações realizadas acerca do livro *Relato de um certo Oriente*, pode-se compreender que as personagens que imigraram do Líbano para Manaus passaram por um processo de hibridação, tornando-se sujeitos cujas identidades são mescladas, isto é, recebem influência e passam por trocas culturais, não apenas em relação aos nativos de Manaus, mas a todos que lá vivem sejam outros árabes, os próprios brasileiros ou os indígenas. Assim, nos contatos e nas trocas, por se tratar de uma via ambígua, todos os lados saem afetados.



Edição 25 – Fevereiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/01/2020

Ser híbrido é pensar, conseqüentemente, no entre: no entre-lugar em que o sujeito é colocado. Assim como afirma Bhabha, não privilegiar a dicotomia é aceitar a existência de um “entre-lugar”.

Por fim, os sujeitos que estão deslocados, isto é, os migrantes/imigrantes, posicionados no “entre-lugar” não realizam produções que se relacionam com a localização atual, ou seja, do local em que migram/imigram, nem de seu lugar de origem, de onde são provenientes.

O nascimento desses sujeitos híbridos é de um lugar também híbrido, mesclado, no qual se cruzam os lugares realmente vividos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antologia de Textos Fundadores do Comparativismo Literário Interamericano. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/ortiz/comentarios.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

COSER, Stelamaris. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In: FIGUEIREDO, EURÍDICE (Org.). Conceitos de literatura e cultura. Niterói: Ed. UFF/EFJF, 2010.

DICIONÁRIO DE DIREITOS HUMANOS: Identidade Cultural. Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade%20cultural>> . Acesso em: 10 out. 2017.

HALL, Stuart. A identidade cultura na pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HATOUM, Milton. Relato de um certo oriente. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

REIS, Livia Maria de Freitas. Transculturação e transculturação narrativa. In: FIGUEIREDO, EURÍDICE (Org.). Conceitos de literatura e cultura. Niterói: Ed. UFF/EFJF, 2010.



Edição 25 – Fevereiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/01/2020

SOUSA, L. M. T. M. de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JUNIOR, B. (Org). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 113-133